

1ª PARTE

RIZ - "Da minha varanda percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem na-  
dando. Nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e for-  
tes. Acompanho seu esforço solitário, como se ele estivesse cumprindo -  
uma bela missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes,  
não sei. Duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvo-  
res, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça e o movi-  
mento alternado de seus braços. Mais uns cinquenta metros o perderei de  
vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem, essa distância: É  
preciso que conserve bem a mesma batida de sua braçada e que eu o veja  
desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, for-  
te, lento, sereno.

E então eu poderei sair da varanda tranquila: "Vi um homem sozinho, na-  
dando no mar, quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com aten-  
ção durante todo o tempo e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e  
exatidão; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele atingiu".  
Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu  
silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a  
esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão". (LUZ GERAL)

I - Autêntica, respeitável comunidade tenho aqui a honra, sincera gratidão  
da acolhida propícia, misericordiosa, liberal, vossa humana generosa  
benevolência, genuína e muita filantrópica, que acolhe a esse lamentá-  
vel desesperado espetáculo, desesperado, derradeiro, degradado. Só a  
vossa decidida, compacta comparecência, elemento mercê, faz com que eu  
me sinta não de todo abandonado na minha pobre indigente posição, in-  
digente, considerando a presença de cada uma assim como a de cada qual  
magnânima circunstância aliviadora das nossas confusas e ndaa importantes  
preocupações vitais. Vossas propícias e participantes graciosas carido-  
sas demonstrações (FAZ GESTO DE DANIEL RO? ESPREGANDO O POLEGAR NO IN-  
DICADOR E AO MESMO TEMPO UMA MESURA) permitem me contar com vosso cien-  
tífico filosófico ouvido para as nossas humanas universais vexações  
vergonhosas tribulações. Mas não seria aqui o humilde, parco, mais in-  
fimo arauto que iria se fazer o palafreneiro das rédeas de vossas ânsi-  
as:

II - Ator I (NOME DO ATOR) acabou de dizer um trecho do poeta Rubem Braga o

a atriz (NOME DA ATRIZ) apresentou o início da peça Flávia "cabeça, tronco e membros". Pois este espetáculo é uma escolha de textos, procurando dar uma idéia do "homem", esse ser humano. O homem e seu amor, o homem e seu riso, o homem e seu medo, a sua saudade, o seu fim. A breve canção do homem neste mundo de D<sup>us</sup>. Isso, naturalmente do ponto de vista brasileiro, Ipanema de 1965.

(FADE-OUT NA LUZ E SOBRE A MÚSICA E SIMULTANEAMENTE PROJETAM-SE SLIDES COMO TÍTULO;

Slide I : O HOMEM; O SEU INICIO.

- ATRIZ -- Um dia o todo poderoso levantou-se naquela imensidão desolada em que vivia, convocou os anjos, os arcanjos e os querubins disse:
- ATOR I -- "Meus amigos, vamos ter uma semana cheia. Vamos criar o Universo e dentro dele o paraíso. Devemos criar a terra, o sol, a floresta, os animais, os minerais, a luz, as estrelas, o homem e a mulher. E devemos fazer tudo isso muito depressa, pois temos de descansar no domingo. E no sábado, depois do meio-dia.
- ATOR II -- O que Deus fazia antes da criação do mundo, ninguém sabe. Se fez isso em seis dias apenas, imaginem que imensa ociosidade a anterior!
- ATRIZ -- A maior dificuldade de todas, embora isso parece incrível, foi lançar a pedra fundamental. Os anjinhos ficaram com aquela bola-luz na mão e perguntaram ao mestre: "Onde". Afinal decidiu-se jogá-la ali adiante, e ela ficou por ali, girando em lugar mais ou menos estável por conta própria. Trabalhar no escuro era muito difícil. Deus murmurou:
- ATOR I -- "Fiat lux"
- ATRIZ -- E a luz foi feita.
- ATOR II -- Até hoje há uma grande discussão para saber se D<sup>us</sup> falava Latim ou Hebráico.
- ATRIZ -- E fez, em senuida, a luz e as estrelas. E dividiu a noite do dia. Fez, então, os minerais e os vegetais. Todos os vegetais eram bons e belos e seus frutos podiam ser comidos. Ruim só havia mesmo a chamada árvore da Ciência do Bem e do Mal, bem no meio do paraíso. Isso aqui é a parreira, futura guarda-roupa de Adão e Eva. E logo D<sup>us</sup> fez os animais: o leão, o tigre, o cavalo,..
- (CADA NOME DE ANIMAL É ACOMPANHADO DE SLIDE COM O DESENHO DO ANIMAL)
- ATOR II -- Vê-se perfeitamente que a Girafa foi um erro de cálculo.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ATOR I - Como os espectadores podem reparar, fez dois exemplares de cada animal, prova de que não acreditava na cegonha. Tendo feito a vaca, esta súbitamente, deu leite. O mestre bebeu-o com os anjinhos, aprovou, ordenou a vaca que continuasse a produzir uma média de 7 litros diários, e o resto jogou pela janela do Universo, formando assim a via Láctea.

ATOR II - E fez também a COBRA. (SCENE A MUSICA QUE ACOMPANHA O TEXTO)

ATOR I - Como os animais tivessem sede, Deus teve que resolver o problema, mas não se apertou. Misturou duas partes de Hidrogênio com uma de Oxigênio experimentou e disse:

ATOR I - Esta fórmula vai ser um sucesso eterno. Vou chamá-la de água.

ATOR I - Água, um produto divino.

ATOR II - Água, um produto caído do céu!

ATOR I - Água, não contém etilmetilsalina. (SAI MUSICA)

ATOR I - Assim, dizem as escrituras que Deus criou todas as coisas sobre a face da terra. Mas uma coisa eu lhes granto que Ele não inventou. Ele inventou o sol, e as árvores, e os animais, e os minerais. Mas, de repente, para absoluta surpresa sua, olhou e viu, maravilhado, que cada coisa tinha uma sombra! Nesse, francamente, ele não tinha pensado? E foi contemplando a própria sombra que ele teve a idéia de fazer um ser a sua semelhança. E Adão foi feito.

ATOR II - Nascendo já grande e prontinho, Adão teve várias vantagens; não precisou fazer o serviço militar, não passou por aquela transição terrível entre a primeira e a segunda dentição; E nunca teve 17 anos. Além do que, não precisava comprar presente do Dia das Mães.  
(SLIDE COM DESENHO DE ADÃO)

ATOR I - A essa altura Adão ainda não usava folha de parreira, mas nós colocamos uma no desenho, para agradar a concursa. O espectador poderá objetar que a figura do proto-homem não está muito máscula. Lembremos porém que Eva ainda não existia e que, portanto, a masculinidade ainda não aparecera sobre a face da terra.

ATOR I - Outro problema sério, quando se pinta Adão, é saber se ele tinha ou não tinha barba. Nas pinturas clássicas, ele em geral, não tem barba quando está no paraíso e tem barba quando já saiu do paraíso. Acordamos:

ATOR II - O castigo por ter comido a maçã, foi fazer a barba toda manhã.

ATRIZ - Mas há outros problemas metafísicos criados pelo Todo Poderoso. Aqui mesmo, neste quadro, devidamente numerado, temos quatro destes problemas para o leitor meditar:

ATOR II - 1 - Responda, amigo  
Adão tinha umbigo?

ATRIZ - 2 - Responda, irmão  
o pássaro,  
já nasce com a canção?

ATOR I - 3 - O mistério não acaba:  
onde anda o bicho da goiaba  
quando não é tempo de goiaba?

ATRIZ - 4 - Mestre, respeito o senhor,  
mas não a sua obra;  
que paraíso é esse  
que tem cobra? (SAI SLIDE COM DESENHO DE ADÃO)

ATOR II - Mas ali estava Adão, prontinho, feito de barro. Durante muito tempo, aliás, se discutiu se a mulher não teria sido feita antes. Mas está claro que a mulher foi feita depois. Primeiro porque é mais caprichada. Mais bem acabada. Deus nela, desistiu do barro e usou cartilagem. E colocou nela alguns detalhes que tem feito um imenso sucesso pelos tempos afóra. Segundo vocês já imaginaram, se a mulher tivesse sido feita antes, os palpites que ela ia dar na confecção do homem?

ATRIZ - Ah?, não põe isso, não põe aquilo! Ih, que bobagem, que nariz feio! Deixa ele careca, deixa! Põe mais um olho, põe! Ah, pelo menos põe um vermelho e outro amarelo, põe! Puxa, você não faz nada do que eu quero. É de barro também, e parece um macaco, seu! Você é errado, Todo Poderoso. Ah, não põe boca, não, põe uma tromba! Ficou pronto depressa, Hein? Você deixa eu soprar ele, deixa? Deixa que eu sopro, deixa!

ATOR II - Depois de devidamente soprado com o fogo eterno, Adão saiu pelo paraíso experimentando as coisas.

ATRIZ - Tudo que ele fazia, ou dizia, era completamente original. Nunca perdeu tempo se torturando.

ATOR II - "Onde é que eu cuvi essa?" "De onde é que eu conheço esse cara?"

ATRIZ - Deus, entre outros privilégios, deu a Adão o de denominar tudo. Foi



ele quem chamou árvore de árvore, folha de folha e vaca de vaca. E tinha tanto talento para isso, que todos os nomes que botou pegaram.

ATOR II - Deus só pediu explicação a Adão no dia que este batizou o hipopótamo.

ATOR I - "Por que hi-po-pó-ta-mo?"

ATRIZ - E então Adão deu uma resposta tão certa, tão clara, tão definitiva, que Deus nunca mais lhe perguntou nada.

ATOR II - " Olha, Mestre - eu lhe garante que nunca vi um animal com tanta cara de hipopótamo."

ATRIZ - E assim foi Adão dando nome a todas as coisas. Só errou no dia em que estava batizando os minerais e deu uma topada numa pedra. Foi a primeira vez que uma coisa foi chamada de outro nome. Adão tinha criado a natureza. E Adão saiu por ali, nadando no rio, comendo dos frutos, brincando com os animais. Mas não parecia satisfeito. O Senhor, percebendo que faltava alguma coisa a Adão, resolveu lhe dar uma companhia. Ordenou que ele fosse dormir e, como lá resa a história, foi o primeiro sono de Adão e seu último repouso.

ATOR II - Conforme prevíamos, assim que Eva foi criada olhou em volta e começou a dar palpites sobre a criação.

ATRIZ - Ih, Todo Poderoso, quanto animal sem coloração! Muda isso; para a floresta, o que vai pegar mesmo é o estampado!

ATOR II - Deus acedeu. E quando ele mudava a pele dos bichos, Eva saiu passeando e resolveu tomar um banho no rio. A criação inteira veio então espiar aquela coisa linda que ninguém conhecia. E quando ela saiu do banho, toda molhada, naquele mundo inaugural, naquela manhã primaveril, que os anjos, os arcanjos e os querubins não se contiveram e começaram a bater palmas, entusiasmados: "o autor! o autor! o autor!"

ATRIZ - O resto da história ~~mas~~ os senhores conhecem melhor do que nós. Arrastado por Eva e pela serpente, Adão não resistiu e comeu a maçã. Logo que comeram a maçã por um fenômeno facilmente explicável, Adão e Eva perceberam que estavam nus. Foram antes a seu armário desembutido, pegaram quatro folhas de parreira e se vestiram rapidamente. Furioso com o desrespeito de suas criaturas...

ATOR II - Furioso para show, furioso para as arquibancadas, pois, sendo Onisciente, Providente e Onipresente, Deus sabia muito bem o que Adão e Eva iam fazer.

ATRIZ - O Todo poderoso apontou-lhe imediatamente o olho da rua, depois de desejar aos dois coisas que não se desejam nem ao pior inimigo, como ter filhos sem os processos da técnica moderna e ganhar o pão com o suor do próprio rosto. Todos os outros animais pensaram que aquilo se tratava se apenas de uma brincadeira do Todo Poderoso. Mas não. Botou mesmo o casal para fora, tendo até, como lá conta a Bíblia, colocado na entrada do paraíso, um anjo com uma bruta espada de fogo na mão, com a ordem de não deixar os dois entrar. Esse foi o primeiro leão-de-câmara da história universal. E assim Adão e Eva perderam o Paraíso por causa do pecado original. Do pecado antigamente chamado original, mas que hoje em dia, de original só tem mesmo o estilo de cada um.

(FADE-OUT. SOME MUSICA) [SLIDE COM O TITULO. BAIKA A MUSICA PARA BG)

Slide - II - O HOMEM, O SEU AMOR

ATOR I - Amor é fogo que arde sem se ver;  
 É ferida que dói e não se sente;  
 É um contentamento descontente;  
 É dor que desatina sem doer;  
 É um não querer mais de bem querer;  
 É solitário andar por entre as gentes;  
 É nunca contentar-se de contente;  
 É cuidar que se ganha em se perder;

E assim, quando mais tarde me procure  
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive,  
 quem sabe a solidão, fim de quem ama,  
 eu possa me dizer do amor(que tive):  
 que não seja imortal, posto que é chama,  
 mas que seja infinito enquanto dure. (FADE OUT) (FAD. IN)

Como alguns perceberam, acabamos de misturar Luis de Camões e Vinícius de Moraes e Salomão num coquetel de alto poder poético. Salomão fazia o mesmo misturando lírica, místicos e pedaços de folclore/ na composição do mais fervente poema erótico da Bíblia, Six Hasirim,- O Cântico dos Cânticos.

ATOR II - Quem é esta que vem caminhando como a aurora quando se levanta, formosa como a lua, escolhida como o sol, terrível como um exército?

ATRIZ - Põe-me a mim como um escudo sobre teu coração, porque o amor é valente



como a morte, as suas alâmpadas são umas alâmpadas de fogo e de chama. Amado da minha alma, aponta-me aonde é que tu te encontras pelo meio-dia, para que não entre eu a andar como uma vagabunda atrás dos rebanhos de teus companheiros.

ATOR II - Ven do Líbano, amada minha, ven do Líbano, ven: serás coroada no alto do Amaná, no cume do Senir, nas cavernas dos leões, no monte dos leopardos.

ATRIZ - Eu abri a minha porta ao meu amado, meu amado meteu a mão pela fresta e as minhas entranhas estremeceram. Levantemo-nos de manhã para ir as vinhas, vejamos se a vinha tem lançado flor, se as flores produzem frutos, se as romãs já estão em flor: ali te darei meus seios.  
(FADE OUT) (LUZ SOBRE)

ATOR II - E Bernard Shaw dizia: "quando duas pessoas estão apaixonadas, numa exaltação quase patológica, a sociedade trás diante delas um padre e um juiz e exige que jurem que permanecerão para o resto da vida nesse estado deprimente, anormal e exaustivo". (LUZ SE MODIFICA)

ATOR I - Shakespeare que descreveu todas as emoções humanas, é aqui apresentado numa cena clássica de amor: NA NEGERA DOMADA, o conflito entre Catarina e Petruquio, dois temperamentos terríveis, dois amantes potenciais, que se encontram pela primeira vez: Petruquio, quem o pai a prometeu como esposa, vai manter Catarina num regime de opressão constante e domá-la. Mas a tarefa não é de todo fácil: (SOBRE MUSICA DE FANFARRA, LUZ SE MODIFICA)

PETRUQUIO - Vou lhe fazer a corte com algumas ironias. Se me insultar, bem, eu lhe direi que canta tão suavemente quanto o rouxinol. Se fizer cara feia; aí direi que seu olhar tem o frescor e a limpidez das rosas matinais, banhadas pelo orvalho. Que fique muda, sem pronunciar sequer uma palavra: louvarei sua maneira jovial, frisando que tem um eloquência admirável. Que mande eu ir embora: eu lhe agradecerei como se me pedisse para ficar ao seu lado uma semana. E se se recusa a casar, fingirei ansiar pelo dia das bodas. Mas lá vem ela; e agora, Petruquio, fala! (ENTRA CATARINA) Bom dia, Cata, pois ouvi dizer que assim a chamam.

CATARINA - Pois ouviu muito bem para quem é meio surdo. Os que podem me chamar, me chamem Catarina.

PETRUQUIO - Tu mentes, Catarina, pois te chamas simplesmente Cata. Cata, a formosa, e, algumas vezes a negera Cata. Mas Cata, a mais bela Cata de toda a cristandade. Cata, esse catavento, minha recatada Cata, a quem tantos catam, *há* ah, por isso, Cata, meu consolo, ouvindo cantar tua meiguice em todas as cidades, falar de tuas virtudes, louvar tuas belesas, me senti movido a vir aqui pedir-te em casamento.

CATARINA - Movido em boa hora! Pois quem o moveu até aqui que daqui se renova. Assim que o vi percebi imediatamente que se tratava de um móvel.

PETRUQUIO - Como, um móvel?

CATARINA - Um móvel. Um banco.

PETRUQUIO - Você percebeu bem; pois vem e senta em mim.

CATARINA - Os burros foram feitos para a carga, como você.

PETRUQUIO - Para carregar-nos muito antes de nascer, foram feitas as mulheres.

CATARINA - Mas não os animais, quer me parecer.

PETRUQUIO - Ah, Cata gentil! não pesarei quando estiver em cima de ti, pois és tão jovem e tão leve...

CATARINA - Leve demais para ser carregada por um gorsserão como você e no entanto pesada por ter de ouvi-lo e vê-lo.

PETRUQUIO - Não maltrate aquele que a corteja.

CATARINA - Corteja ou Corveja?

PETRUQUIO - Oh, pombinha delicada, um curvo te agradaria?

CATARINA - É melhor que um abutra!

PETRUQUIO - Vejo agora irritada demais; a pombinha virou vespa.

CATARINA - Se virei, cuidado com o meu ferrão.

PETRUQUIO - Só me resta um remédio - atrancá-lo.

CATARINA - Sim, se o imbecil soubesse onde ele é.

PETRUQUIO - Mas quem não sabe onde é o ferrão da vespa? No rabo.

CATARINA - Na língua.

PETRUQUIO - De quem?

CATARINA - Na sua, que fala de maneira grosseira. E agora adeus.





PETRUQUIO -- Assim, com a minha língua no rabo? Não, volta aqui, boa Cata, eu sou um cavalheiro.

CATARINA -- Vou verificar. (ESBOFETEIA-O)

PETRUQUIO -- Volte a fazê-lo e juro que a entraçalho.

CATARINA -- Com que armas? As de cavalheiro? Se me bater não será cavalheiro e não sendo cavalheiro não terás armas.

PETRUQUIO -- ah, entendes de heráldica? Põe-se então, noteu brasão, que estou em brasas.

CATARINA -- Qual é o teu emblema? Uma crista de galo?

PETRUQUIO -- Um galinho sem crista, se queres ser minha franga.

CATARINA -- Galo sem crista não é galo para mim.

PETRUQUIO -- Vamos, Cata, vamos: não sejas tão azeda.

CATARINA -- É como eu fico quando vejo um rato.

PETRUQUIO -- Não há ratos aqui; portanto não se azede.

CATARINA -- Há sim, há sim.

PETRUQUIO -- Mostre-me então.

CATARINA -- Se eu tivesse um espelho mostraria.

PETRUQUIO -- Como? O rato então sou eu?

CATARINA -- Que perspicácia em rapaz tão jovem.

PETRUQUIO -- Jovem mesmo, por São Jorge, sobretudo em relação a você.

CATARINA -- E, no entanto, todo encarquilhado.

PETRUQUIO -- São as penas do amor.

CATARINA -- Não me dê pena.

PETRUQUIO -- Agora, cuve aqui, Cata; juro que não me escapas assim.

CATARINA -- Se eu ficar é só para irritá-lo, largue-me!

PETRUQUIO -- E agora, põe de lado tudo que dissemos, vou falar claro, teu pai já consentiu em que cases comigo. Já concordamos com respeito ao dote. E queiras ou não queiras, vou assar-me contigo. Olha, sou o marido que te convém: sou aquele que nasceu para domar-te e transformar a Cata selvagem numa gata mansa.

CATARINA - Vai mandar nos teus criados, imbecil! (SAI)

PETRUQIO - (MONOLOGO) Assim, com muita astúcia, começo meu reinado e espero terminá-lo com sucesso. Meu falcão está faminto, de barriga vazia. Enquanto não ficar bem amestrado, não mandarei matar a sua fome. Assim, aprendera a obedecer ao dono. Outra maneira que tenho de amansar meu miliafre, de ensiná-lo a voltar e a conhecer meu chamado, é obrigá-la a vigilha, como se faz com os falcões, que bicam e batem as asas para não obedecer. Ela não come nada hoje e nem comerá. Não dormiu a noite passada, também não dormirá esta. Como fiz com a comida, hei de encontrar também algum defeito na arrumação da cama. Atirarei para cá o travesseiro, para lá as almofadas, prum lado um cobertor, para outro os lençóis. Ah, se no meio da infernal balburdia não esquecerei de mostrar que faço tudo por cuidado e reverência a ela. Concluindo porém; ficará acordada a noite inteira, E se por acaso, cochilar, me ponho aos gritos e aos impropérios, com tal furor que eu a mantarei desperta. Assim se mata uma mulher com gentileza. Assim eu dobrarei seu gênio áspero e raizoso. Se alguma conhecedora um modo melhor de domar a megera, tem a palavra. (SAI)

(SOBE MUSICA - FADE OUT NA LUZ - FADE IN LUZ SOBRE ATRIZ)

ATOR I - No livro mais importante da literatura moderna, Ulisses, de James Joyce, Molly Bloom relembra a sua vida num solilóquio famoso feito em dezenas e dezenas de páginas sem pontuação e sem sentido objetivo. Aqui as últimas palavras do livro.

ATRIZ - E QUE o sol nasce para voce, me disse ele no dia em que nós estávamos deitados entre os redodentros e eu obbiguei ele pela primeira vez a me pedir, sim, eu lhe dei um pedaço de bolo da minha boca e era em ano bissexto como agora, sim, já passaram 16 anos, meuDeus, depois do beijo comprido que eu quase perdi o ar ele disse que eu era uma flor da montanha, sim. E que nós, todas somos flores em nosso corpo de mulher, sim, e affoi porque eu gostei dele que ele entendia o que uma mulher era e dei a ele todo o prazer que eu podia empurrando ele até ele pedir para eu dizer sim mas eu não respondia de saída olhando o céu e o mar. E estava pensando numa porção de coisas que ele não sabia, de pessoas com nomes que ele nunca ouvira, do meu pai, do Capitão, do mercado da rua Duque, dos burrinhos meio dormindo escorregando pela ladeira, das moças espanholas de chale, rindo, rindo, da Ronda olhan-

11

do para o amante dela pela fresta da veneziana às casas amarelas e dos  
jasmims de Gibraltar quando eu menina era como uma flor da montanha,  
sim, quando eu botei uma rosa no cabelo como as raparigas andaluzas  
costumavam fazer e como ele me beijou debaixo da torre mourisca e eu  
pensei bem tanto faz ele como qualquer outro, sim, e com os meus  
olhos eu pedi a ele pra me pedir de novo, sim, e então ele me pediu  
se eu deixava, sim, se eu dizia sim minha flor da montanha e eu pri-  
meiro botei meus braços no pescoço dele, sim, e puxei-o para mim pa-  
ra ele sentir meus seios todos perfumados, sim, e o coração dele batia  
como louco, e sim, eu disse sim, eu deixo sim.

(FADE OUT ATE BLACK OUT - SOBE LUZ SOBRE ATOR II)

ATOR II - Mas que é o homem que ainda não conseguiram defini-lo? Os livros de  
História Natural ensinam que é um animal. Os cineastas declaram que  
é um artista. Os jornais demonstram que é um jornalista. Os médicos  
diagnosticam: é um doente. Os totalitários proclamam que é um ser au-  
tômato. Para outro homem ele é, quase sempre, um inimigo.

(FADE OUT SOBE MUSICA E É PROJETADO O

SLIDE -- III -- O HOMEM; LOBO DO HOMEM.

(BAIXA MUSICA ATE BG, SAI SLIDE) (SOBE LUZ SOBRE



ATOR I - E Abraão disse a Lot: "Pego-te que te separem de mim, Se fores para  
a esquerda eu irei para a direita. Se fores para a direita eu irei  
para a esquerda".

(LUZ SE MODIFICA -- SOBE MUSICA -- BAIXA ATE BG)

-- DECALOGO DO SENADOR GOLDWATER (SLIDE)

ATOR II - 1 - O governo deve retirar-se de todas as iniciativas fora de suas  
atribuições como Previdência Social, Educação Pública, agricultura e  
projetos habitacionais. (TROCA SLIDE)

ATOR I - 2 - Não pode haver coexistência com os comunistas enquanto eles não  
acreditarem em Deus. (TROCA SLIDE)

ATOR II - 3 - Eis nossa alternativa: grandes governos ou grandes negócios. Sou  
contra os grandes governos. (TROCA SLIDE)

ATOR I - 4 - Meu objetivo não é passar leis: é rejeitá-las. (TROCA SLIDE)

ATOR II - 5 - Devemos desfolhar as florestas do Vietname como pequenas bombas  
atômicas. Removendo-se a folhagem, remove-se a cobertura dos guarri-  
lheiros. (TROCA SLIDE)

ATOR I -As questões raciais deve ser tratadas apenas por pessoas diretamente envolvidas nelas. (TROCA SLIDE)

ATORII -Poeira radio-ativa? Isso não existe.(TROCA SLIDE)

ATOR I -A decisão da Suprema Corte,não é,necessariamente,a lei do país(TROCA SLIDE)

ATOR II-Sempre fui contra a ajuda externa e sempre votarei contra ela(TROCA SLIDE)

ATOR I -O comunismo não é alimentado pela pobreza,e outras condições sociais e econômicas semelhantes.O comunismo é alimentado pelos comunistas.(TROCA SLIDE) (LUZ SE MODIFICA)

ATRIZ -Há violências no mundo.Uma das maiores vem acontecendo na Colombia durante quase vinte anos.Já fez 200.000 mortos,mais do que toda a guerra da Coreia (SAI SLIDE)A ação bárbara ficou conhecida como La Violência e ainda persiste.

ATOR I -La Violência,uma luta fratricida entre liberais e conservadores,começou em 1948(ENTRE SLIDE) com o assassinato do líder Eliézer Gaitán;dentro em breve tinha degenerado numa guerrilha total da qual ninguém se lembrava do começo.(SAI SLIDE) Duas especialidades dos matadores,de ambos os lados; La Franela,que consistia em arrancar a carne em volta do pescoço da vítima de forma que lembra uma echarpe;e La Corbata-um buraco a altura do pomo de Adão,através do qual pura-se a língua da vítima dando-se a impressão dela estar de gravata.

(SOBE MÚSICA) (FADE-OUT\_LUZ SOBE\_SAI MÚSICA)

ATOR II-O ódio é o de sempre, a paixão eterna. Em Ricardo III de William Shakespeare, a rainha Margaret lança sobre a rainha Elizabeth e seus fidalgos uma maldição sem igual.

(FADE OUT - LUZ SÓBRE ATRIZ)

ATRIZ - Podem as maldições rasgar as nuvens e penetrar no céu? Abram-se então, nuvens malditas, à minha maldição de fogo. Que o teu rei seja morto, não na guerra, mas po devassidão.

Já que o nosso foi assassinado para fazê-lo rei.

Teu filho Eduardo,que era príncipe de Gales,  
Morro jovem também, com igual violência.

Tu, agora rainha, por mim que era rainha,  
Sobrevivas à Glória, como eu, desgraçada!



E que vivas bastante, para chorar por teus filhos  
e ver outra mulher, como agora eu te vejo,  
sentada em teus direitos, como tu, hoje nos meus.  
Muito antes que morra tua alegria

E depois de infinitas horas de amargura  
morras nem mãe, nem esposa, nem rainha da Inglaterra.  
Rivas e Dorset, foste testemunhas como foste tu,  
Lord Hastings, de que meu filho morreu sob punhais  
sangrentos:

Peço a Deus que nenhum de vós chegue ao fim  
de existência normal mas seja morto por qualquer  
acidente inesperado.

Quanto a ti, Gloster, eu não te esqueço,  
espera e ouve.

Se o céu reserva para ti pragas mais monstruosas do que  
as que te desejo deve guardá-las até que amadureçam os teus  
pecados para só então despejar seu ódio sobre ti  
destruidor da paz do pobre mundo!

Que o verme do remorso te roa, sem cessar, a alma!  
Que enquanto viveres duvides dos amigos como traidores  
e aceites como amigos os mais vis traidores.  
Que o sono jamais feche o teu olhar de vesgo  
a não ser para trazer um pesadelo horrendo  
que te atormente com um inferno de medonhos demônios.  
Tu, desfigurado pelo espírito do mal, aborto, porco!  
Tu, filho do inferno, marcado de nascença como  
escravo da natureza!

Tu que apodreceste o ventre de tua mãe;

Tu, fruto odiado de sãmen do teu teu pai!

(FADE AOUT - SOBRE MUSICA - ENTRA SLIDE)

SLIDE - IV - O HOMEM, A SUA SAUDADE

( LUZ SOBRE O ATOR I E II - SAI SLIDE, BAIXA MUSICA ATE BG)

ATOR I - Por ser de minha terra é que sou rico  
por ser de minha gente é que sou nobre (RAJADA MUSICA)

ATOR II = NÃO permita Deus que eu morra  
sem que volte para lá.

ATOR I - Nesse céu tem mais estrelas  
Nossas várzeas tem mais flores

ATOR II - As aves que aqui gorgeam

ATOR I - Nossos bosques tem mais vida

ATOR II - Não gorgem como lá

ATOR I - Nossas várzeas tem mais flores

ATOR II - Minha terra tem palmeiras

ATOR I - Nossa vida mais amores

ATOR II - Onde canta o sabiá

(FADE OUT - SOBRE MUSICA - LUZ SOBRE = MUSICA



ATOR II - De Cornélio Pena, (ENTRA SLIDE - CORNELIO PENA) um dos mais puros escritores brasileiros.

"Minha mãe era uma figura de constante e misteriosa doçura, sempre mergulhada em um sonho longínquo, como se toda ela tivesse envolvida em seu manto de viuvez, de crepes suaves, quase invisível, que não deixava distinguir-se bem os seus traços, os seus olhos distantes. Andava pelas salas de nossa casa em silêncio, sentava-se em sua cadeira habitual sem que se ouvisse o ruído de seus passos, e, quando falava, era um só tom, sem que nunca a impaciência o alterasse. Sabíamos todos, contado em segredo pelas outras senhoras, o rápido e doloroso drama que a tinha despedaçado. Tendo casado em Paris, seguirá para Itabira do Mato Dentro, e, depois, de oito anos de felicidade, meu pai morreu subitamente. Desorientada, tentou refugiar-se junto de minha avó, que ficara em Honório Ricalho, e, na estação, soube que ela falecera na véspera.

Quis então ir para junto da irmã e madrinha, em São Paulo, mas esta também morreu, no mesmo mês... (SAI MUSICA) e assim se fechou sobre ela uma louca inviolável de renúncia e de tristeza, que nós os filhos nunca podemos vencer, durante tantos anos de sobrevivência. Quando fecho os olhos ainda a vejo, a mesmo de todo o tempo e me lamento por que não a fiz sofrer sem reservas, porque não a fiz chorar todas as lágrimas da maternidade infeliz, porque não lhe dei socorro aos gritos, e é só por isso que desejava guardar sua imagem muito pura, muito secreta, e tenho a impressão de traí-la, falando sobre ela!"

(SOBRE MUSICA = FADE OUT = LUZ SOBRE TODA A CENA)

- ATRIZ - Mas tudo afinal, que passa e não volta fica em frases, dísticos, rótulos, labéus. Tudo são recordações e saudades.
- ATOR II - Há os nomes que vem nos parachoques dos caminhões, jactância, alegria, desafio. "O leão das ruas". "Eu volto? flor". "Vaca no pasto não tem touro certo". "Sogra não é prarente, é castigo". "Arma branca, só cechaça". "Se a terra fosse boa o dono dela morava aqui"
- ATRIZ - Há frases de cidade, desta, de todas as cidades:
- ATOR II = "Está tudo perdido!"
- ATOR I - "A casa ficava aqui"
- ATOR II - "Um escândalo! Um escândalo!"
- ATRIZ - Há frases dos namorados, eternas, mas ah, pela primeira vez ouvidas:  
"Meu nome é Margarida, mas pode me chamar de Lara" e F.  
"Pensei que não viesses mais"
- ATOR II - "Eu não posso viver sem ela"
- ATOR I - "E eu, não gosto de você?"
- ATRIZ - Há os galanteios de esquina:
- ATOR I - "Cuidado, senão quebra"
- ATOR II - "No dia em que for rico comprarei esse orgulho"
- ATOR I - "Que o diabo a carregue... lá para casa"
- ATOR II - "Essa é a noiva que meu pai queria"
- ATRIZ - Há as tristezas de um passado melhor:
- ATOR I - "Quando eu era nadador"
- ATOR II - "Me dá esses retratos aí na gaveta"
- ATOR I - "Te lembras do Martinelli?"
- ATOR II - "Eh, isso não volta mais"
- ATRIZ - Há as verificações quase impossíveis:
- ATOR II - "Era a mais bela da cidade"
- ATOR I - "A coisa que eu mais detesto é o diabo"
- ATOR II - "Eu sou feliz, que importa o resto?"
- ATOR I - "Desta vez vim pra ficar"



ATRIZ - Há uma imensa solidariedade:

ATOR II - "estarei lá firme!"

ATOR I - "não te fies nele"

ATOR II - "Conte comigo!"

ATOR I - "Oh, venha de lá um abraço!"

ATRIZ - Há uma vã méria:

ATOR I - "Sou eu, não se lembra de mim?"

ATOR II - "Vendiam-na embrulhada em folha de bananeira"

ATOR I - "Quem te viu e que te vê"

ATRIZ - Há uma crise constante:

ATOR I - "Avida está pela hora da morte"

ATOR II - "Cada um? Pensei que fosse a dúzia"

ATOR I - "Não se pode mais educar um filho"

ATOR II - "Freguesa, hoje não quer nada?"

ATRIZ - Há uma busca melancólica:

ATOR II - "Ano que vem vou ver mamãe"

ATOR I - "Um dia eu largo tudo e volto pra lá"

ATOR II - "Não se chamava Rua dos Ourives?"

ATRIZ - Há alguns sons bons antigos:

ATOR I - "Sorvete de coco, é de Coccoco da Bahia"

ATRIZ - Há uma redenção definitiva:

ATOR II - "Era um bom sujeito"

(SOBRE MUSICA E BAIXA ATE BG - LUZ SOBRE ATRIZ)

ATRIZ - E justamente no instante  
em que a Úrsa Polar girou  
jogando a sombra da estrela  
na rosa que o vento armou,  
segundo o plano previsto  
a bomba da paz voou.

SLIDE - VI - O HOMEM ; SEU MEDO





ATOR I - "Guimarães Rosa: cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo".

ATOR II - Dez horas e trianta e cinco do dia 30 de março. Uma camioneta negra pára diante da Embaixada Americana, em Saigon. O chofer desce: um funcionário o convida a circular. Nesse momento há uma explosão gigantesca (SLIDE) - 115 quilos de plástico volatizam o veículo, destroem todo o tés-do-chão da embaixada e as casas em torno. Os gritos e os gemidos de mais de uma centena de feridos, enchem o esplendor da manhã clara. (SLIDE, HOMEM COM RIFLE) Um civil arranca o rifle de uma sentinela e procura inutilmente seu inimigo sem rosto.

ATOR I - O General Taylor acabara de enviar um comunicado a Johnson - "Melhora sensivelmente a situação no Vietnam" (SAI SLIDE)

ATRIZ - Ditado sobre o medo - Reynaldo Jardim

ATOR II = O que gera o fantasma são as fomes  
e a funda insegurança dos meninos.  
A queda repentina do horizonte,  
O horizonte manchado de inimigos.  
O que provoca o medo são as pontes  
interrompidas sem qualquer aviso.  
O tiro pelas costas e a escuridão  
fechando a porta de qualquer abrigo.  
O que fermenta o medo e a rebelião  
é o esperar - prolongado o mais aflito -  
do filho sem saber se trará pão  
o pai que a vida inteira plantou trigo.  
(FADE OUT - SOBRE LUZ SOBRE ATOR I)



ATOR I - De Brecht, o poema do medo: "A infanticida Maria Farrar".  
Maria Farrar, nascida em abril  
sem sinais particulares  
Menor de idade, orfã, raquítica,  
Ao que parece matou um menino  
Da maneira que se segue.  
Sentindo-se sem culpa  
Afirma que grávida de dois meses  
No porão de uma dona  
Tentou abortar com duas injeções  
dolerosas, diz ela,

mas sem reusultado.

E bebeu pimenta em pó  
com alcool, mas o efeito  
foi apenas de purgante.

Mas, vós, por favor, não deveis  
vos indignar.

Toda criatura precisa de ajuda dos outros  
Seu ventre agora inchara, agora a olhos vistos  
E ela própria, criança, ainda crescia  
E lhe veio a tal tonteira no meio das matinas  
E suou também de angústia aos pés do altar  
Mas conservou secreto o estado em que se achava  
até que as dores do parto lhe chegaram.  
Então, tinha acontecido, também a ela!  
Assim feiosa, cair em tentação.

Mas vós, por favor, não vos indignais  
Toda a criatura precisa da ajuda dos outros  
Naquele dia, disse, logo pela manhã,  
Ao lavar as escadas sentiu uma pontada  
Como se alfinetadas na barriga.

Mas ainda consegue ocultar sua moléstia  
E o dia inteirinho, estendendo paninhos buscava  
solução. Depois lhe vem a mente que  
tem que dar a luz e imediato sente

Um aperto no coração. Chegou em casa tarde.  
Mas vós, por favor, não vos indignais  
Toda criatura precisa da ajuda dos outros.

Chamaram-na enquanto ainda dormia  
Tinha caído neve, e havia que varrê-la  
As onse terminou. Um dia bem comprido.  
Somenta a noite pode parir capaz.

E deu a luz e o que disse, um filho  
O filho se parecia a tudo quanto é filho  
Mas ela não era como as outras mães.

Mas vós, por favor, não vos indignais  
Toda criatura precisa da ajuda dos outros.  
Com as últimas forças, ela disse, prosseguindo,



dado que no seu quarto o frio era mortal,  
 se arrastou até a privada, e ali,  
 quando não mais se lembra  
 pariu como pode quase ao amanhecer.  
 Narra que a esta altura estava transtornadíssima,  
 e meio endurecida e que o garoto, o  
 segurava a custo  
 pois que nevava dentro da latrina.  
 Entre o quarto e a ~~latrina~~ privada  
 O menino prorrompeu em prantos  
 E isso a perturbou de tal maneira, ela disse  
 que se pôs a socá-lo  
 As cegas tanto, sem cessar  
 até que ele deixasse de chorar  
 Depois conservou o morto no leito junto  
 dela até o fim da noite.  
 E de manhã, escondeu-o então no lavatório.  
 Mas vós, por favor, não deveis vos indignar,  
 Toda criatura precisa da ajuda dos outros.  
 Maria Ferrar, nascida em abril  
 morta no cárcere de Moissen  
 Garota-mãe, condenada  
 Quer mostrar a todos o quanto somos frágeis  
 Vos que paris em leito confortável  
 E chamais bendito vosso ventre inchado,  
 Não deveis exacerar os fracos e desamparados,  
 Por ~~fa~~ obséquio pois não vos indigneis  
 Toda criatura precisa da ajuda dos outros.  
 (SOBE MUSICA - BAIXA PANO)



FIM DA PRIMEIRA PARTE)

II PARTE

(SOBE MUSICA COM A CORTINA FECHADA -- ABRE-SE O PANO -- BAIXA A MUSICA -- SURGE O SLIDE)

SLIDE - VII - O HOMEM; O SEU CIUME  
(BAIXA MUSICA)

ATRIZ - Engels disse: Com a monogamia aparecem na história, de maneira permanente, duas figuras; o amante e, conseqüentemente, o cornudo. O adúlterio torna-se uma instituição social inolútable, perseguida, condenada, punida, mas impossível de ser suprimida. (TROCA SLIDE)

ATOR II - Um resumo: "A escola de mulheres" de Molière. (SAI)  
(TALVEZ SLIDE DE FIGURA DA EPOCA, SO PARA DAR COR LOCAL)

ATOR I - Existe alguma outra cidade no mundo com maridos tão complacentes quanto os nossos? Não os encontramos de todas as variedades, acomodados cada um de um jeito? Este junta mil bens, para que a esposa se divida, advinha com quem? Com quem o cornifica. Outro, com um pouco mais de sorte, mas nem por isso menos pateta, vê a mulher receber inúmeros presentes, todo o dia, mas não se mortifica com ciúmes; porque ela o convence facilmente de que são os prêmios de virtude. Contra mulher casada, para explicar um luxo que se estranha, diz que ganha no jogo as fortunas que gasta, e o benedito marido, sem perguntar qual o jogo, ainda junta um provérbio: "Feliz no jogo, infeliz nos amores". Contra tais habilidades, tomei minhas precauções. Um ar doce e tranquilo fez com que eu amasse Inês quando a vi entre outras crianças. Criei-a desde os quatro anos de idade. Num pequeno convento fiz com que fosse educada sob regras estritas: ou seja, que só lhe ensinasse aquilo que pudesse torná-la o mais estúpida possível. Agora alojé-a numa casa mais distante onde ninguém me visita. Imaginem - é tão inocente que noutro dia veio me perguntar se as crianças se fazem pelo ouvido. Mas, quem vejo... será...? Ah, sim...

HORACIO - Senhor Arnolfo!

ARNOLFO - Mas caro Horácio. Há quanto tempo está aqui?

HORACIO - Há nove dias. Fui direto a sua casa, mas em vão.

ARNOLFO - Que tal tem achado esta cidade?

HORACIO - Com muitos cidadãos, construções magníficas e divertimentos como não tinha visto.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ARNOLFO - Para aqueles que batizamos de galantes, este país é um sonho - não há, em parte alguma, mulheres tão compreensíveis. Se acha o que se quer, morenas, louras, todas amistosas, gentis, dadas, E os maridos? Não há, no mundo, maridos mais benignos. Mas, estou falando e ,quem sabe, o amigo já pegou alguma?

HORACIO - Para não lhe ocultar nada da verdade pura, já tive atambém, nesta cidade, uma pequena aventura de amor; a maizade obriga que lhe conte.

ARNOLFO - (A PARTE) Bem, vou ouvir, com cuidado, mais uma de otário; e logo mais, com calma, anoto em meu diário.

HORACIO - Lhe confesso com total franqueza que meu coração foi letralmente, digo, literalmente estragalhado por uma bela jovem que vive aqui. Mas minhas manobras foram tão felizes que logo sonhei lhe ser apresentado e ter acesso ao próprio aposento em que ela dorme. Sem querer me gabar, e sem injuriá-la, eu posso lhe dizer que as coisas já vão mais longe do que eu sonharia...

ARNOLFO - (RINDO) E ela é...?

HORACIO - (APONTANDO PARA A CASA DE INES) Uma coisinha linda que vive nessa casa ali, da qual se vê um pedaço de muro varmelhado. Na verdade, de uma simplicidade sem igual - se chama Inês.

ARNOLFO - (A PARTE) Ai, que eu rebento!

HORACIO - A pobre foi condenada a viver trancada pela estupidez sem pararello de um grosseirão. Me disseram que é um tipo muito ridículo: o senhor o conhece?

ARNOLFO - Ah, sim, conhece ele.

HORACIO - É ou não é um imbecil?

ARNOLFO - Eh!

HORACIO - O que é que o senhor fez? O que? Eh!? Isso quer dizer sim? Ciumento de matar de riso? Paspalhão? Então é exatamente aquilo que me descreveram. Mas, de repente, está triste! Por acaso reprova o que eu fiz?

ARNOLFO - Não; é que eu estava pensando...

HORACIO - Minha conversação o cansa. Adeus então...

ARNOLFO - (SO) Com que imprudência e com que pressa me vem ele contar o seu caso, a mim mesmo! No ponto a que chegamos ela já é quase minha es-

posa; se escurregou, cobriu de vergonha. Oh, ausência fatal! Viagem infortunada! Inês! Inês! (ENTRA INES)

INES - Chamou?

ARNOLFO - Chamei. Cheguei.

INES - Oh, que prazer. Fiquei tão ansiosa. Cada cavalo, burro ou mula que passava eu pensava que era você chegando.

ARNOLFO - Vamos dar um passeio. (PASSEIAM) Um passeio bonito.

INES - Muito bonito.

ARNOLFO - Um lindo dia.

INES - Lindíssimo.

ARNOLFO - E o que há de novo?

INES - O gatinho morreu.

ARNOLFO - Coitado! Mas, enfim, somos todos mortais, cada um morre sua vez. O mundo, cara Inês, que coisa estranha é o mundo! A malidicência geral, por exemplo; Uns vizinhos me disseram que um ~~je~~ homem jovem penetrou lá em casa em ~~um~~ minha ausência e que você não só ~~o~~ viu, como ouviu também com agrado! Mas é claro que não acreditei nessas línguas viperinas e apostei até na falsidade.

INES - Por Deus, não aposte! Era perder, na certa!

ARNOLFO - O que? É verdade que um homem...?

INES - É certo! É certo! Mais do que isso - quase não saiu aqui da nossa casa o tempo todo.

ARNOLFO - (BAIXO, A PARTE) - Essa confissão, que faz com tal sinceridade, me prova pelo menos a sua ingenuidade. (ALTO) Como é que é essa história?

INES - Eu estava na varanda, costureando ao ar livre, quando vi passar debaixo do arvoredo um rapaz muito bem apessoado que, vendo que eu o via, me fez um cumprimento respeitoso. Eu, não querendo ser menos educada, respondi do meu lado o cumprimento. Ele, rapidamente, fez outra reverência; eu também, depressa, respondi; ele então se curvou um terceira vez; e uma terceira vez eu me curvei. Ela passa, retorna, repassa e a cada ~~uma~~ ida e volta, se curva novamente; e eu, que, é natural, olhava para esse movimento todo, tinha que responder a cada cumpriment-



mento. Tanto que, se em certo instante a noite não chegasse, eu teria ficado ali, sandando eternamente. Pois eu não ia ceder e passar pela vergonha dele me julgar menos civilizada.

ARNOLFO - Muito bem.

INES - No dia seguinte, eu estava na porta, uma velha se aproximou e disse assim: "Minha filha, que Deus te abençoe e mantenha tua beleza durante muitos anos; ele não te fez assim tão bela para que você espalhasse o mal por onde passe. Você deve saber que feriu um coração".

ARNOLFO - (A PARTE) Oh, um instrumento de Satã! Uma alma danada!

INES - "Eu feri o coração de alguém?" perguntei espantada. "Feriu" me respondeu a velha, "e feriu seriamente". "Qual foi a causa?" - disse eu - "Por acaso deixei cair alguma coisa em cima dela?" "Não" me respondeu a velha - "O golpe fatal partiu desses seus olhos."

ARNOLFO - (A PARTE) - Tudo foi causado por uma alma inocente; tenho que me acusar de uma ausência imprudente que deixou aqui, sem proteção, esses encantos tentadores, expostos a cupides dos mais vis sedutores. Temo só que o velhaco, entre lua e luar, haja ido mais longe do que ousou pensar. (ALTO) Me conta agora o que aconteceu depois; como ele se comportou enquanto a visitava.

INES - Ah, foi muito bonzinho; dizia que me amava um amor sem igual, dizia palavras as mais gentis do mundo, coisas como jamais ouvi ninguém dizer e que me faziam subir um certo não-sei-que qui por dentro.

ARNOLFO - Além de todas essas conversas, e de toda essa cumprimentação, ele não te fazia também umas carícias?

INES - Ah, tantas! Pegava minhas mãos, meus braços, e não cansava nunca de beijá-los.

ARNOLFO - E, diz aqui, Inês, ele não quis mais nada? Não foi... mais... adiante; (VENDO\_A CONFUSA) Ui!

INES - Hummm... ele me...

ARNOLFO - O que?...

INES - ... pediu...

ARNOLFO - ... Ah?...

INES = ... a....

ARNOLFO - Pediu a...?

INES = Não tenho coragem; você vai ficar furioso comigo.

ARNOLFO - Não fico.

INES - Eu sei que fica .

ARNOLFO - Deus do céu! Não fico!

INES - Ele me tirou a,.. Você vai ficar!

ARNOLFO - Não fico, não fico, não fico! (A PARTE) Ah, que eu fico! Eu sofro co  
me um louco!

INES - (GRITANDO) Ele me tirou a fita que você me deu.

ARNOLFO - (RESPIRANDO FUNDO) Oh, a fita é o de menos. Estou aliviado. Vai, vá e  
e mando aqui os dois criados. (SAI INES) Roubado desse amor eu sofro  
duas vezes; a honra me doi e o coração me estoura. Enraiveço por ver  
meu lugar usurpado, enlouqueço por ver meu bom senso enganado. Deus,  
livrai minha frente de desonra; mas se está escrito que a mim também  
algo aconteça nessa parte do corpo, dai-me ao menos, para me ajudar  
a suportar esse acidente, a mansidão que vejo em tanta gente.  
(FADE OUT - SOBE MUSICA - ENTRA SLIDE)

SLIDE - VIII - O HOMEM; A SUA SOLIDÃO

(SOBE MUSICA - SAI SLIDE - LUZ SOBRE ATRIZ)

ATRIZ - William Shakespeare, outra vez. O Solilóquio da solidão de Ricardo  
II. (FADE OUT - LUZ SOBRE ATOR - BAIXA MUSICA EM BG)

ATOR II - Não importa onde, mas que nenhum homem fale de consolo.

Falamos de tumbas de vermes, de epitáfios,

Falamos de nossos testamentos.

Ou não? Pois que temos a legar

senão nossos corpos depositos sobre o chão?

Nossas terras, nossas vidas e tudo o mais pertencem a

morte e nada podemos dizer que nos pertence. Exceto a

morte e esse pequeno modelo de terra estéril

que serve de argamassa e cobre nossos ossos.

Pelo amor de Deus, sentemo-nos no chão

Para contar histórias soturnas de reis mortos:

Como uns foram depositos, alguns trucidados na guerra





alguns perseguidos pelos fantasmas que haviam destronados,  
 alguns envenenados pelas companheiras, alguns mortos  
 dormindo, todos assassinados. Pois dentro da coroa  
 oca que cinge a têmpera mortal de um rei,  
 a morte mant m a sua corte, e fica l , grotesca,  
 zombando do poder, sorrindo a sua pompa, permitindo ao  
 rei um f blego, uma pequena cena, na qual pode monarquizar,  
 ser temido, matar com um olhar e se encher de orgulho  
 enorme e inútil. E quando o v  assim, acomodado,  
 ela atravessa o muro do castelo com um alfinete máximo  
 e adeus, Rei!

Cobri vossas cabeças, e não sombais da carne e do sangue,  
 tratando-os com solene reverência; fora o respeito a tradição  
 a roma, o dever da cerim nia:

Eu me alimento de pão, como v s outros, sinto necessidades,  
 provo a angústia, preciso de amigos. Assim enclausurado,  
 como podeis dizer a mim que sou um rei?  
 (FADE OUT - SOBRE MUSICA - LUZ SOBRE ATRIZ)



- ATRIZ - Piadas de humor pungente.
- ATOR I - Tristes, entre as tristezas da vida,   o dia em que uma mulher começa a frequentar antiquários por que ali, talvez, quem sabe? ainda encontre ~~px~~ alguém que a queira.
- ATOR II - E aquele menino muito pobre e muito abandonado, filho de família numerosa, quando alguém lhe perguntava quem ele era, respondia tristemente: "Eu? Eu sou aquele, de  culos"
- ATRIZ - Dizia o psicanalista: "O que o senhor tem   mania de persegui o"  
 Dizia o cliente: "O senhor diz isso por que não gosta de mim"
- ATOR I - Se eu pegasse essa locomotiva, eu a traria para a minha solidão de monge e enquanto ela ficasse aqui, sozinha, eu apitaria, l  longe.
- ATRIZ - Vocês sabem o que   ser gag ? Ser gag  não é viver apenas nos m m rios do passado: É muito mais!   saber que todos os amigos já morreram, os que teimam em viver, são entrevados.   sorrir, interminavelmente, não por necessidade interior mas porque a dentadura   maior de que a arcada.  
 É ficar olhando os brotinhos que passeiam, com o olhar esclerosado, numa inútil esperança. É ficar aposentado o dia inteiro, olhando o

26

vazio, pensando em morrer logo e sair subitamente, andando, a meia hora que o separa dos cam metros da esquina, por que é preciso resistir. É dobrar o jornal encabulado, quando chega alguém jovem da família, mas ficar olhando, de soslaio, para os fútimos da coluna funerária.

ATOR II - Ser gagá é só pensar em comer, como na infância. E em certo dia, passar fome as vinte e quatro horas, só de melancolia. É na hora mais ativa do mais veloz bang-bang, descobrir, lá no terceiro plano, um ator antigo, do cinema mudo e sentir no peito a punhalada. É surpreender, subitamente, um olhar irônico que trocam dois brotinhos, que, no entanto, o ouvem seriamente. É querer aderir a bossa nova, falar "sossega leão" e morrer de vergonha ao perceber o fora. É ter estado em Paris em 19. É ter sabido francês e esquecido. É descobrir de repente um buraco na roupa e dar graças a Deus por ser na roupa.

ATOR I - Ser gagá, é estar sempre na iminência de cair na plena rua: "olha o tarado!" É chamar de menina a quarentona. É ter uma esperança senil nos cientistas. É reparar, nos mais jovens o imperceptível sinal da decadência: a lentigem nas mãos, o cabelo que afina, a pele que desidrata. É fazer planos quinquenais que espantam os jovens que acham cinco anos a própria eternidade, mas que o gagá sabe que voam como voaram tantos, tantos. É sentir que agora, outra vez, está bem de saúde. É carregar o corpo o tempo todo. É saber que não há mais ninguém com prazer em lhe acariciar a pele. É ficar galante e baboseiro na terceira taça de champagne. É sentir, de repente, o isolamento. É ficar egoísta e amefrontado. É não ter vez e em misericórdia. Ser gagá é fogo. Ou melhor, é muito frio.

(FADE OUT - SOBRE MUSICA - LUZ SOBRE O ATOR II)

ATOR II - Numa pequena aldeia carvoeira do País de Gales, no momento em que não tem mais forças para lutar contra a invasão asfixiante da escória de carvão, que esmaga lenta e implacavelmente a casa onde nasceu, um homem vai rememorando, no Adeus da despedida, toda a vida que viveu naquele vale. (FADE OUT - SOBRE MUSICA - LUZ SOBRE ATOR I)

ATOR I - Vou embrulhar minhas duas camisas e minhas outras meias no lenço azul que minha mãe costumava amarrar em volta do cabelo e me afastar do vale. Se eu descesse até a venda, para arranjar uma caixa de papelão, toda a gente saberia que vou me embora. Não é isso que eu quero. É

estranho que o pensamento esqueça tanta coisa e guarda na lembrança umas flores que morreram há mais de trinta anos. Estavam no peitoril da janela e ainda vejo a água saindo por uma rachadura do barro vermelho. Me lembro de tudo porque Bron estava ali linda, envolvida num halo de sol. Trinta anos passados e tudo tão perto como agora. Sou Huv Morgan e vou-me embora desta vez triste porque não consegui deixar minha marca no mundo lá fora, embora eu não seja o único, na verdade. Conheci uma toa de bondade e de maldade também, mais de bondade porém, que de maldade, posso jurá-lo. Mas agora todos já se foram, todos vocês que eram tão belos quando ardentes de vida. Ou não se foram; porque são ainda uma chaga viva dentro do meu escopo. Morre então Vairon, e morreu sua amada beleza aqui, agora ao meu lado de novo, pois ainda sinto os braços magoados com o aperto dos seus dedos? Morreu Bron, que me mostrou o verdadeiro amor de uma mulher? Morreu meu pai, debaixo do céu? Mas, Deus do céu, ele está lá fora ainda, dançando na rua com a camisetta vermelha de Davi em cima do ombro, e daqui a pouco estará na sala de jantar fumando o seu cachêabo, dando palmadas na mão de minha mãe e olhando - oh, o calor do seu orgulho! - para o retrato de uma rainha dado pela mão de uma rainha, ao seu filho mais velho, cuja música era digna de uma rainha. Morreu o pastor Gruffit, que era amigo e era mentar e me deu o seu relógio, toda a riqueza que possuía, digo, possuía, apenas porque gostava de mim? Morreu ele? Então, se morreu, todos nós estamos mortos também e tudo, afinal, não passa de uma zombaria. Como era verde o meu vale e o vale daqueles que se feram. (PADE OUT .. SOBRE MUSICA .. ENTRA SLIDE)

SLIDE .. EX .. O HOMEN, O SEU DEUS

(SOBRE MUSICA .. TROCAM-SE VÁRIOS SLIDES COM IMAGENS DE DIVERSOS DEUSES, .. BAIXA MUSICA)

ATRIZ - "Se o latido dos cães chegasse ao céu chovia osso"

ATOR II - " O primeiro patife que encontrou o primeiro imbecil resolveu ser o primeiro Deus".

ATOR I - A frase é de Voltaire.

Mas imbecil ou não o homem continua a sua busca ansiosa procurando encontrar o Deus para que apela em suas horas extremas.

ATOR II - Santa Teresa, num momento de êxtase, dirigindo-se a Jesus:

ATRIZ - "Oh, meu Bem Amado, por teu amor aceite não ver nesta terra a doçura do teu olhar, não sentir o inexplicável beijo de tua boca, mas suplico-te que me abrases com teu amor. Em dia, tenho a esperança, cairás impetuosamente sobre mim, transbordando-me para o lume de amor, tu me mergulharás nesse ardente abismo a fim de fazer de mim - e para sempre - a feliz vítima d'êle. Amem".

ATOR II - Mas há os que tem outros deuses e outros oráculos, como o artista do Dilema de um médico, de Bernard Shaw.

ATOR I - "Creio na Miguelangelo, Velsaques e Rembrandt no poder do desenho, no mistério da cor, na mensagem da arte que tornou estas mãos abençoadas e na redenção de todas as coisas pela Beleza Eterna, Amem, Amem, Amem".

ATRIZ - Os salmos do Rei Davi são mais angustiados, mais viris e mais ligados a luta de seu povo":

ATOR I - Senhor dá ouvido as minhas palavras, escuta o meu clamor. Por ue, Senhor, é a ti que eu imploro. Que eu continue a ver teus céus, obra de teus dedos, e a luz e as estrelas que tu estabeleceste. E eu cantarei o nome do senhor altíssimo. Porque tu tens ferido a todos os que me perseguem sem causa; quebraste os dentes dos pecadores. Pois eles estão de assento emboscado com os ricos, em lugares ocultos para arrebatam os pobres, para se apoderarem dos pobres. Lanças a tua voz Senhor, para que o homem não aprenda mais engradecer-se sobre a terra. Porque a garganta de seus inimigos é um sepulcro aberto: eles conceberam a dor, pariram a injustiça.

TODOS - Senhor, porque são em tão grande número os que me perseguem? precipitados no inferno todos os pecadores, todas as nações que se esquecem de Deus. Porque não haverá sempre o esquecimento do pobre;

porque a paciência do pobre não poderá para sempre ser frustrada. Senhor, estabeleça para os pobres uma legislação para que as nações conheçam que são homens.

Senhor, tenho envelhecido no meio dos meus inimigos.

(FADE OUT - SOBRE MÚSICA - ENTRA SLIDE)

SLIDE - X - O HOMEM; O SEU RISO

(PROJETAM-SE VARIOS SLIDES COM IMAGENS DE ROSTOS SORRINDO, RINDO ATE DESENHO DE UM PALHAÇO)



ATOR II - O homem é o único animal que ri.

ATOR I - E é rindo que ele mostra o animal que é.

ATRIZ - Dizem que o dinheiro fala; mas bom mesmo é o dolar, que fala várias línguas.

ATOR II - A razão porque Cupido é tão mal atirador é que ele procura atingir o coração mas está sempre de olho em outras partes do corpo.

ATOR I - Que futuro terrível será o do Brasil se, dentro de 10 anos, lembrando os dias de hoje, nós dissermos com saudade: "Bons tempos, Hein?"

ATRIZ - Groucho Marx e "Eu não frequento clubes que me aceitam como sócio".

ATOR II - Oscar Welles: "O Brasil é o país onde se fabrica o melhor uísque falsificado do mundo".

ATRIZ - Stanislaw Ponte Preta, introdutor da grossura na filosofia humorística caricca: "quando vejo um afeminado muito musculoso é que percebo que a ordem dos fatores não altera o resultado".

ATOR II - Notícias de Jornal: No Rio, dois trapezistas, em dois circos diferentes caíram do trapézio e foram para o hospital. A verdade é que ninguém mais se aguenta.

ATOR I - Notícias de jornal: Na Inglaterra foi condenado por adultério e atentado ao pudor, um velho de 81 anos de idade, o que não é apenas uma indecência, mas também um recorde.

ATRIZ - Notícia de jornal : Na impossibilidade de acabar com os mendigos, bêbados e vadios que encham Copacabana, as autoridades resolveram tomar uma medida mais simples: proibir Copacabana para menores de 18 anos.

ATOR II - E depois vem a história daquele pai que saiu da maternidade muito triste e abatido: nascera-lhe uma dúvida...

ATRIZ - E logo vem a história da mulher de um vegetariano que gritava para o marido: "Querido vem depressa que a comida já está murchando".

ATOR I - E depois vem a história do otimista que se atinou de deixar andar de um edifício e, ao apressar pelo oitavo andar, exclamou: "Bem, até aqui tudo bem!"

ATOR II - Triste país esse em que os otimistas estão se agarrando do alto dos edifícios.

ATRIZ - Perguntava o oculista:

ATOR I - Que letra é aquela?

ATOR II - "Efe".

ATOR I - "Errou. É um "esse"!".

ATOR II - Respondia o cliente: "Eu fei. Eu não dife ifo?"

ATRIZ - Eu vi a COISA;  
Tinha cabeça de prego  
cabelo de relógio  
testa de ferro  
cara-metade  
curvados de mercador.  
Um olho água  
outro da rua.  
Pestana de violão  
pupilas do senhor reitor  
nariz de cera  
boca de siri  
vários dentes de alho  
e um de coelho  
língua de trapo



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

barba de milho  
e costeletas de porco  
tinha garganta de montanha  
um seio da pátria, outro da sociedade  
braços do mar  
cotovelos de estrada,  
uma mão-de-obra, outra em mão boba.  
Palmas de coqueiros  
Dois dedos de prosa, um de destino  
e unha de fome  
tinha corpo de delito  
trenco de árvore  
algumas juntas comerciais  
e outras de bois  
barriga de revisão  
umbigo de lanija  
cintura de vespa  
costas D'África  
pernas de asa  
canelas em pé  
plantas de arquitetura  
um pé-de-moleque  
e outro pé de vento.



- ATOR I - Dizia o ator: "eu acho que as histórias do teatro brasileiro são todas muito místicas." Respondia a atriz: "bem, alguma já não que ser".
- ATRIZ - E a menina, achando um monte de latas de leite condensado num recanto do parque, gritou para o pai: "Papai, papai, achei um ninho de vaca!"
- ATOR II - Dizia a granfina ao costureiro: "o meu vestido quero o decote bem baixo, bem baixo! A saia bem curta, bem curta!" Respondia o costureiro: "Entendi, a srt. quer um cinto bem largo, bem largo!"

ATOR II - Passei hoje por Jacarepaguá e verifiquei que as vacas estão cada vez mais cheias de si. É natural, até hoje ainda não se descobriu nenhum outro animal que dê leite de vaca.

ATRIZ - E pode não ser verdade, mas dizem que quando o demônio chega tarde no inferno a demônia grita indignada: "assim e de onde é que você me vêm a essa hora com o pelo todo manchado de auréolas?"

ATOR I - Do parachoque de um caminhão: "se o nosso amor virou cinza foi porque eu mandei brasa".

ATOR II - Muito cuidado, amigo! as vezes você está discutindo com um imbecil... e ele também.

ATRIZ - Imposto de Renda: nunca tantos deferam tanto a tão poucos.

ATOR I - Anatomia é essa coisa que os homens também tem, mas que as mulheres ficam muito melhor.

ATOR II - Notícias de jornal: "Vem aí o exame pró municipal obrigatório, depois de tanta coisa pró municipal facultativa".

ATRIZ - Anúncio de jornal: "preto, muito elegante, extremamente bem tratado, só tendo, até hoje, frequentado os melhores meios do país e do estrangeiro, de contato muito agradável, sobretudo em noite de frio, deseja trocar de mulher... por preço razoável". Trata-se de um casaco de paletó.

ATOR I - Notícias de jornal: "A igreja sequestrou de publicar uma lista de 128 pecados". Estávamos perdendo mais de cem por pura ignorância.

ATOR II - Chamado de chato na sujeito que tem um uisqua numa mão e a nossa lapala na outra. (DEPOIS DA REAÇÃO DO PÚBLICO) É enfim, amigos, a vida é assim mesmo - uns tem graça, outros tem espírito, a maioria tem apenas pedras nos rins.

(FAZE OUT .. SOBRE MUSICA .. ENTRA SLIDE)

SLIDE - XI - O HOMEM; O SEU FIM

(MUSICA ENTRA GRAVAÇÃO .. SAI SLIDE)

ATOR II - Réquiem para uma deusa do sexo.

(LUZ SOBRE ATRIZ)



ATRIZ .. (VOZ GRAVADA)(SLIDES? LINDOS DE MARILIN MONROE)

Agora você está morta, com a mão agarrada ao telefone, o rosto virado para baixo. E vieram os guardas e te puseram as mãos em cima. E mais uma vez errarão todos tentando te interpretar: falarão sobre o telefone, as pílulas, as roupas de baixo, as meias jogadas no chão e não saberão jamais da ênsia de beleza total que foi tua vida, nem que você foi mais pura e delicada de espírito ~~tu~~ do que toda a realidade em que eles vivem.

ATRIZ - (AO VIVO) - No meio de uma orgia internacional de mal gosto, a história da qual figura quase uma centena de suicídios, culminando com a manchete do jornal mexicano que dizia: "Marilyn Monroe matou-se por um mexicano", o mundo contemplou mais sádico estorço do que compungido, a morte da última deusa do cinema. (SAI MUSICA)

ATOR II - O ator Sir Laurence Olivier: "Foi uma vítima da propaganda e do nacionalismo".

ATOR I - O diretor John Huston: "a moça era viciada em morfina. A culpa é desses médicos canalhas".

ATOR II - O pastor Billy Graham: "tudo aquilo que ela buscava estava em Cristo".

ATRIZ - Norma Rosten; amiga de Marilyn Monroe, num verso: "quem colheu teu sangue? Eu, disse o fã, em minha caneca colhi teu sangue."

ATOR I - O jornalista Walter Winchel: "jundo do caixão Di Maggio murmurou eu te amo, duas vezes seguidas."

ATOR II - Peter Lawford, cunhado de Kennedy: "estou chocado, minha mulher viajou até aqui só para assistir aos funerais e não fomos sequer convidados".

Des três homens com quem Marilyn Monroe tinha sido casada, James Dougherty, o policial que se casou com ela quando tinha 16 anos, disse apenas: "sinto muito." E voltou a ronda. Joy Di Maggio levou-a até o túmulo. E Arthur Miller declarou a imprensa: "não vou ao enterro, ela já não está mais lá."

(SOB MUSICA .. SAI SLIDE .. ENTRA GRAVAÇÃO)

(FOTOS, PALACIO DO CATETE - QUARTO DE GETULIO - GETULIO)

ATRIZ - (VOZ GRAVADA) - No dia 24 de agosto de 1954, um ancião passeia solitário no quarto pequeno, humilde, desconfortável, em que dormia no palácio do catete. Ex ditador, cheio de erros e violências, amável de fascinante no trato pessoal, dominando o país durante 24 anos, com sua indiscutível popularidade, ele, nesse momento está só e abandonado. Foi apanhado numa terrível e cruel situação da história do país. Os inimigos o acusam. Os mais íntimos o traem. E então, sejam quais sejam suas misérias, defeitos e mesquinhas anteriores, Getúlio Vargas dá um passo e atinge uma dimensão trágica como ser humano.

ATOR I - (PODE SER SOBRE SLIDE DE MULTIDÃO NO ENTERRO DE GETULIO, E CARAS PATÉTICAS) -As forças e os interesses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencadearam contra mim. Não me acusam, insultam, Não me combatem, caluniam e não me dão direito de defesa.

Tenho lutado mes a mes, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora fica desamparado. Nada mais posso dar a não ser o meu próprio sangue. Se, as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida, escolho este modo de estar sempre convosco. Quando vos humilharem escutireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será vossa bandeira de luta. Cada gota do meu sangue, será uma chama eterna na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio, respondo com o perdão, e aos que pensam que me derrotaram, respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.

(SLIDE DE MORTOS CÉLEBRES; SERAJEVO, LINCOLN, CHANDI, O PREMIER JA...

PONES, TERMINAR COM FOTOS DE KENNEDY RINDO, DEPOIS COM JAQUELINE OU  
(E) FILHOS)  
(TALVEZ SOBRE IMAGEM DEVASTADA DE HIROSHIMA)

ATOR I -- Esabeth

Amanhã, amanhã, e amanhã,  
chegando no passo impresentido de um dia após um dia,  
até a última sílaba do tempo registrado.  
E cada dia de ontem  
iluminou, aos tolos que nós somos,  
o caminho para o pó da morte.  
Apagai-vos vela tão pequena!  
A vida é apenas uma sombra que caminha, um póbra ator,  
que gagueja e vacila a sua hora sobre o palco e depois nunca  
mais se curva. É uma história contada por um idiota,  
cheia de som e fúria,  
significando nada.

(FADE OUT -- ENTRA GRAVAÇÃO -- SLIDE COM IMAGEM DE BERTRAND RUSSEL)

ATOR II -- Bertrand Russell "As autoridades mais acreditadas são unânimes em  
afirmar que uma guerra com bombas de hidrogênio, acabará com a  
raça humana... haverá uma morte universal, imediata apenas para uma  
minoria afortunada. Para a maioria será uma tortura lenta, com  
doenças, dores e desintegração."

(SURGE SLIDES COM EXPLOSÕES ATÔMICAS -- SOM DA EXPLOSÃO)

ADRIZ -- Senhoras e senhores, não se desespere, por favor!  
Sabemos muito bem que o espetáculo ainda deve ser corrigido.  
Eram histórias lindas trazidas pela brisa,  
mas a brisa parou e ficamos com um fim muito ruim.  
Como dependemos da vossa aprovação  
desejamos, aí! que nosso trabalho fosse apreciável.  
estamos, como vós, desapontados e em é com consternação  
que vemos a cortina fechar sobre tal fim.  
Na vossa opinião, que devemos fazer?  
Mudar o mundo ou a natureza humana?

Acreditar em causas maiores e melhores - ou em nada?  
teremos de encontrar cada um sozinho  
ou procuramos juntos?  
Não há, irmão, um fim melhor pra nossa história?  
Senhoras e senhores, ajudem-nos a encontrá-lo!  
Tem que haver! Tem que haver! T<sup>em</sup> que haver!

ATOR I - Mais ou menos assim Bertolt Brecht termina sua peça "A boa mulher de Setuan". Como o dela nosso trabalho também estava inconcluso, até que encontramos A última flor do grande escritor americano James Thurber

SLIDE .. XII .. O HOMEM, EPILOGO  
(MUSICA MARY ALBERT)

ATRIZ - A décima segunda guerra mundial, como todos sabem trouxe o colapso da civilização  
vilas, aldeias e cidades desapareceram da terra  
todas as jardins e todas as florestas foram destruídas  
e todas as obras de arte  
homens, mulheres e crianças tornaram-se inferiores aos animais mais inferiores desanimados e desiludidos, os cães abandonaram os donos decaídos  
Encorajados pela pesada condição de antigos senhores da terra os coelhos caíram sobre eles  
Livros, pinturas e música desapareceram da terra e os seres humanos ficaram sem fazer nada, olhando no vazio.  
Anos e anos se passaram  
os poucos sobreviventes militares tinham esquecido o que a última guerra tinha decidido.  
Os rapazes e as moças apenas se olhavam indiferentemente pois o amor abandonara a terra.  
Um dia uma jovem, que muito tinha visto uma flor, encontrou por acaso a última flor que havia no mundo.  
Ela contou aos outros seres humanos que a última flor estava morrendo.



O único que prestou atenção foi um rapaz que ela encontrou andando por ali.

Juntos, os dois alimentaram a flor e ela começou a viver novamente.

Um dia uma abelha visitou a flor. E um colibri.

E logo havia duas flores, e logo quatro e logo uma porção de flores.

Os jardins e as florestas cresceram novamente.

A mãe começou a se interessar pela própria aparência.

O rapaz descobriu que era muito agradável passar a mãe na mãe.

E o amor renasceu para o mundo.

Os seus filhos cresceram saudáveis e fortes e aprenderam a rir e a brincar.

Os cães retornaram do exílio.

Colocando uma pedra em cima da outra pedra, o jovem descobriu como fazer um abrigo.

Imediatamente todos começaram a construir abrigos.

Vilas, aldeias e cidades surgiram em toda a periferia.

E a canção voltou para o mundo.

Surgiram trovadores e malabaristas.

Alfaiates e sapateiros

Pintores e poetas

escultores e ferreiros

e soldados

e soldados

e soldados (EM CRESCIMENTO DE IMAGEM)

E Tenentes e capitães

e coronéis e generais (EM CRESCIMENTO DE TOM)

E líderes!

Algumas pessoas tinham ido viver num lugar, outras em outro mas logo as que tinham ido viver na planície desejavam ter ido viver na montanha

E as que tinham escolhido a montanha preferiram a planície os líderes sob a proteção de Deus, passaram logo ao descontentamento.



E assim o mundo estava novamente em guerra  
desta vez a destruição foi tão completa  
que absolutamente nada restou do mundo  
exceto um homem,  
uma mulher  
e uma flor.



(ESTUDAR IMAGENS FOTOGRÁFICAS AO FIM COM MÚSICA VIBRANTE  
E ESPERANÇOSA; TALVEZ A MESMA FLOR EM PLENO MAIS PRÓXIMO)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 815  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025